

MITO E CIÊNCIA NAS INTERPRETAÇÕES SOBRE PAUL VIDAL DE LA BLACHE

myth and science in the interpretations about Paul Vidal de la Blache

Guilherme Ribeiro *

Resumo

O artigo em tela problematizará algumas das principais interpretações ao redor da Geografia de Paul Vidal de la Blache. Questionando-as à luz de uma análise histórica e epistemológica, a intenção maior é recuperar a riqueza do legado vidaliano no início do século XXI. Nesse sentido, quatro tópicos merecem destaque: o falso debate possibilismo-determinismo, o papel da geopolítica, a escala regional e o positivismo.

Palavras-chave: Paul Vidal de la Blache, história do pensamento geográfico, Escola Francesa de Geografia.

Abstract

This article discusses some of the main interpretations of Paul Vidal de la Blache's geography through a historical and epistemological analysis. The purpose is take back his legacy at the beginning of XXIth century. In this sense, the most essential topics are considered: the false debate possibilism-determinism ; the role of the geopolitic ; the regional scale, and the positivism.

Key words: Paul Vidal de la Blache; history of geographical thought; French School of Geography.

Résumé

A travers d'une analyse historique et épistémologique, cet article veut interroger quelques interprétations les plus connues autour de la Géographie de Paul Vidal de la Blache. En soulignant le faux débat possibilisme-déterminisme, le rôle de la géopolitique, l'échelle régionale et le positivisme, on veut récupérer la richesse de l'héritage vidalien au début du XXIème siècle.

Mots-Clés: Paul Vidal de la Blache, Histoire de la pensée géographique, École Française de Géographie.

(*) Prof. Dr. da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - BR 465, km 7, CEP: 23.890-000, Seropédica (RJ), Brasil. Tel: (+55 21) 3787 3673 - geofilos@msn.com

INTRODUÇÃO

As linhas a seguir pretendem questionar alguns aspectos sobre a recepção da geografia elaborada por Paul Vidal de la Blache (1845-1918). Um olhar ampliado em direção à história do pensamento geográfico e à forma como os geógrafos lidaram com seu legado nos conduz a interrogar determinadas leituras. Uma revisão na literatura produzida nas últimas três décadas em torno de Vidal de la Blache (CLAVAL, 1968, 1979, 1998, 2007; ROBIC, 2000, 2000a, 2004; OZOUF-MARIGNIER & ROBIC, 1995; MERCIER, 1998, 2001, 2009; ARRAULT, 2007, 2008) mas, sobretudo, a análise de seus textos originais (VIDAL DE LA BLACHE, 1954 [1922], 1994 [1917], 1912, 1910, 1910a, 1905), nos leva a perceber que estamos frente a um geógrafo muito mais interessante que certas interpretações “mitológicas” tentaram nos persuadir.

Lançamos mão da imagem bastante conhecida do mito (vide, por exemplo, O mito do desenvolvimento econômico [FURTADO, 1974], Brasil: mito fundador e sociedade autoritária [CHAUÍ, 2000] ou O mito da desterritorialização [HAESBAERT, 2007 [2004]]) para frisar que a recepção do conhecimento científico nem sempre obedece às regras de produção do mesmo. Em outras palavras, é surpreendente observar como o campo científico confia no discurso deste ou daquele autor sem o mínimo de suspeição — traço indispensável à reflexão intelectual, supõe-se.

No caso específico aqui tratado, a imagem de Vidal de la Blache forjada no decorrer do século passado não se deu por meio de uma crítica direta aos seus livros e artigos (procedimento fundante de qualquer pesquisa científica que se pretenda minimamente rigorosa), mas sim em nome de interesses políticos e epistemológicos particulares oriundos dos projetos do historiador francês Lucien Febvre (1878-1956) e do geógrafo francês (nascido no Marrocos) Yves Lacoste. Ao nosso ver, suas obras *A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história* (FEBVRE, 1922) e *A Geografia* serve, antes de mais nada, para fazer a guerra (LACOSTE, 1976) contribuíram sobremaneira para restringir a diversidade e a riqueza do pensamento de Vidal de la Blache.

Conforme indicaremos nas páginas a seguir, é preciso recordar que mesmo aqueles que se consideravam seguidores de Vidal de la Blache também foram responsáveis por negligenciar seus textos publicados nos últimos dez anos de vida, preferindo reproduzir uma imagem mais tradicional e conservadora de suas idéias (cf. CLAVAL, 1998).

Eis um quadro curioso: por quê a herança vidaliana foi apropriada dessa forma, mesmo sendo Vidal de la Blache um dos principais responsáveis pela afirmação do campo da geografia e por sua autonomização como disciplina universitária?

Assim, o presente artigo se inscreve em um movimento importante da geografia brasileira que, por diversas razões, vem promovendo um esforço de tradução e de revisão desse legado no início do século XXI (HAESBAERT, 1999, 2002, 2002a, 2012; RIBEIRO, 2006, 2007, 2008, 2010, 2010a, 2010b, 2011, 2011a, 2011b, 2012, 2012a; LIRA, 2008, 2010, 2012, 2013; PEREIRA, 2012; HAESBAERT, PEREIRA & RIBEIRO, 2012).

Dito isto, interrogaremos quatro aspectos insistentemente — porém erroneamente — reproduzidos. Por esta razão, eles tornaram-se, de fato, quatro mitos:

1. a polêmica envolvendo o determinismo e o possibilismo;
2. a limitação dada pelo recorte regional;
3. o fundamento positivista;
4. a negligência para com a geografia política e a geopolítica.

Encerraremos esse trabalho enfatizando a relevância dos estudos sobre história do pensamento geográfico para a compreensão da Geografia praticada no século XXI.

MITO UM: Determinismo versus possibilismo, Friedrich Ratzel versus Vidal de la Blache

Causa-nos espécie o fato de que, em nossos dias, ainda continuamos a ler que Vidal de la Blache combateu o determinismo do alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) à luz de uma abordagem dita possibilista. Tal perspectiva, consagrada por autores cujos livros são bastante utilizados no Brasil em disciplinas como História do Pensamento Geográfico, Introdução à Geografia e Teoria da Geografia (SODRÉ, 1976; MOREIRA, 1980; MORAES, 1983; QUAINI, 1983; ANDRADE, 1987; LACOSTE, 1976) carece ser inquirida vigorosamente. Até hoje, temos a sensação de que os dois relevantes artigos de Marcos de Carvalho publicados em português em 1997 — Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? e Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904) — não tiveram entre nós o devido impacto que mereciam. Neles, o autor mostra o quão equivocadas estão as leituras que restringem a complexa obra de Ratzel tão somente ao determinismo, além de apontar a responsabilidade do historiador francês Lucien Febvre neste imbróglio (CARVALHO, 1997, 1997a).

Verdadeiramente, foi em *A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história* — obra praticamente finalizada antes da Primeira Guerra Mundial porém só publicada no ano de 1922 — que Febvre engendrou e imputou a expressão possibilismo a Vidal de la Blache, ao mesmo tempo que associou o determinismo (termo que já existia) a Ratzel (FEBVRE, 1991 [1922]). Dois fortes motivos o levaram a fazê-lo: em primeiro lugar, o nacionalista Febvre, que defendia a interdisciplinaridade e a ampliação dos temas históricos, queria dialogar com seus compatriotas e fortalecer a Geografia de seu país em relação à Geografia alemã. Para tanto, esforçou-se em desmerecer a pujante contribuição de Ratzel, ao mesmo tempo em que valorizava a Escola Francesa de Geografia. Em segundo lugar, ao enfatizar a dimensão política, a Geografia praticada por Ratzel assemelhava-se à História diplomática, militar e política então hegemônica na França e que Febvre tentava deslocar (vide RIBEIRO, 2009).

Se o interesse sincero de Febvre para com a contribuição do saber geográfico à história deve ser grifado (FEBVRE, 1962 [1923], 1936), sua intervenção no âmbito das idéias geográficas foi desastrosa tanto no que se refere a Ratzel quanto a Vidal de la Blache. Ele criou uma polarização que simplesmente não existe, pois, até onde nos foi permitido conhecer, Vidal de la Blache nunca lançou mão do vocábulo possibilismo! Efetivamente, divergências pontuais entre Ratzel e Vidal de la Blache dão lugar a uma nítida convergência, quer no tratamento concedido à região e ao Estado (MERCIER, 1995), quer em relação à geopolítica e à defesa do colonialismo (RIBEIRO, 2010, 2010a). Examinando a obra vidaliana de modo amplo e não somente seus fragmentos, nota-se que Ratzel aparece como uma das principais matrizes no desenvolvimento da então novidade *Géographie Humaine* (VIDAL DE LA BLACHE, 1903), denominada pelo alemão de *Antropogeografia* (*Antropogeographie*) (RATZEL, 1914 [1882]). O neologismo *géographie humaine* será utilizado pela primeira vez no ano de 1892 por Louis Raveneau, sendo retomado pelo próprio em 1896, por Emmanuel De Martonne em 1896 e 1897, por Jean Brunhes em 1897 e por Vidal de la Blache a partir de 1898. Embora o termo não fosse utilizado, nos últimos trinta anos do século XIX havia uma demanda em torno do desenvolvimento de uma geografia do homem (cf. ROBIC, 1993).

Além disso, a concepção de história ou, se quisermos, a filosofia da história elaborada nas entrelinhas dos *Princípios de Geografia Humana* (VIDAL DE LA BLACHE, 1954 [1922]), concede larga margem ao “determinismo”, isto é, ao papel jogado pelo meio nas mais diversas atividades humanas — do desenvolvimento da agricultura e da constituição dos gêneros de vida à formação das cidades e dos Estados Nacionais. As aspas se justificam porque o termo determinismo é pejorativo e, quando enunciado, imediatamente já é descartado.

Cremos que as coisas são mais complexas que parecem, tal como podemos depreender não só do espírito de Vidal de la Blache, mas, também, do de Ratzel. Ambos trabalham com a liberdade humana construída historicamente, destacando a progressiva emancipação face à escala local e a



conquista do globo como um todo, tornando a superfície terrestre um imenso ecúmeno. Entretanto, eles não negligenciam o peso dos elementos físicos (clima, relevo, vegetação, hidrografia) e da distância nesse processo, admitindo a constante luta contra o meio (RATZEL, 1914 [1882], 1900; VIDAL DE LA BLACHE, 1954 [1921]).

Indubitavelmente, a expressão “determinismo” carece de escrutínio por parte dos estudiosos da história e da epistemologia geográficas. Ela mais oculta que esclarece o esforço daqueles geógrafos que tentavam explicar as relações entre o homem e o meio em sociedades ainda em vias de industrialização. Como nenhuma produção científica pode ser retirada de seu contexto, precisamos mergulhar não em uma dicotomia inventada entre autores e “Escolas”, mas fazê-los dialogar a partir dos processos e dos temas geohistóricos que eles compartilhavam. Só então discerniremos com clareza os motivos pelos quais Ratzel e Vidal de la Blache insistiam na relevância do meio ambiente para a compreensão da vida social. Tais razões não estão distantes das que elucidariam a proximidade dos geógrafos do século XIX com as Ciências Naturais, por exemplo.

MITO DOIS: a limitação regional

Uma das imagens mais consagradas pela história do pensamento geográfico é a de que Vidal de la Blache e a Escola Francesa de Geografia dedicaram-se fundamentalmente à elaboração de monografias regionais. Elas existiram, decerto, mas a escala regional esteve longe de ser a única explorada por aqueles geógrafos.

Na inquietante tese de doutorado *Penser à l'échelle du Monde. Histoire conceptuelle de la mondialisation en géographie (fin du XIXe siècle/entre-deux-guerres)*, Jean-Baptiste Arrault abre sua investigação questionando a idéia de que a escala mundo teve como pioneiro o geógrafo Olivier Dollfus nos anos oitenta do século passado. Arrault desvenda que a mesma já se fazia presente não apenas em autores consagrados como Albert Demageon, Lucien Gallois e Paul Vidal de la Blache, mas também naqueles que não foram canonizados como parte integrante daquela “Escola”, tais como Maurice Zimmermann (1869-1950), Fernand Maurette (1879-1937) e Pierre Clerget (?).

Ao lado da geopolítica e das redes de circulação, é a partir sobretudo da economia que a escala mundo emerge efetivamente como objeto analítico. A agricultura e o mercado agrícola, por exemplo, tornam-se cada vez mais mundiais, e isto aparece intensamente entre os geógrafos tanto antes quanto depois da Primeira Guerra Mundial. No que diz respeito aos transportes e às comunicações, os canais de Suez e do Panamá, as ferrovias transcontinentais, as rotas transoceânicas e os cabos submarinos e telegráficos vão, igualmente, “mundializando” pessoas, mercadorias e informações (ARRAULT, 2007:154).

Tais elementos estão claramente presentes nos textos vidalianos. Ele jamais apreendeu o pays ou a região como escalas independentes e destacadas do território, do continente e do mundo. Tinha plena consciência da unidade terrestre e da conexão entre os lugares, consciência esta que apenas aumentava à medida que a história tornava-se, no início do século XX, cada vez mais mundial. “Em muitos casos, a fábrica está substituindo localmente a abadia: isto pode parecer simbólico” (VIDAL DE LA BLACHE, 1994:20 [1917]), anotava ele referindo-se à penetração da industrialização e à consequente disseminação do urbano em uma França ainda bastante marcada por atividades rurais operadas na própria escala local.

É preciso ler Vidal de la Blache como um intérprete da modernidade, pois ele apreendeu como poucos a dinâmica destas mudanças: os transportes e as comunicações iam tecendo novas relações sociais possibilitadas pelas novas conexões entre os lugares. Para tanto, a experiência vivida nos Estados Unidos no ano de 1904 foi primordial (CLAVAL, 2007, 2011). Registros preciosos dela decorrentes são os textos *A travers l'Amérique du Nord* e *Les chemins de fer en Amérique* (VIDAL DE LA BLACHE, 1905, 1913). A urbanização, a industrialização e a modernização do território norte-americano revelavam uma organização espacial distinta do caso europeu que ele conhecia



tão bem. Se a França quisesse olhar para a frente, deveria construir portos, pontes, túneis e toda a infra-estrutura necessária para a modernização de seu território — uma imposição da economia e de suas redes de longa distância.

Admitindo o papel nuclear das cidades no funcionamento desta engrenagem, algumas delas já eram concebidas por Vidal de la Blache como cidades-região ou, mesmo, cidades mundiais — Nova Iorque, por exemplo. A passagem a seguir explicita sua perspectiva avant-garde sobre a natureza das cidades em princípios do século XX.

Não é mais o número de habitantes, menos ainda o de funcionários e tampouco qualquer forma de trabalho, indistintamente, o que constitui esse tipo de cidade regional. É o elemento superior que se introduz através dela nas diversas formas de atividade. Ela tem a função de guia. Seguindo a expressão americana, ela “irriga” a região com seus capitais. Por mais que a fábrica se espalhe pelos vales, que a fazenda se erga em pleno campo, é a cidade que, pelo crédito, pelo mercado e pelas saídas que abre, fornece a substância das quais elas vivem. Sem as antigas casas bancárias estabelecidas há muitos séculos em Basiléia, os vales alsacianos dos Vosges permaneceriam agrícolas e pastoris. Não podemos nos surpreender que esse tipo de cidade tenda a se tornar mais frequente, sob o impulso das causas gerais que havíamos descrito. Que a região seja mais especialmente industrial ou mais especialmente agrícola, a necessidade de capitais, de matérias-primas, de aperfeiçoamentos e de mercados não é menos sentida. Os fosfatos e os fertilizantes minerais não são menos necessários ao campo que o coque à usina siderúrgica. Para assegurar a essas necessidades uma satisfação regular, a cidade regional oferece as vantagens de uma organização experimentada, de uma base de operações mais ampla, de instituições, enfim, que ela é a única em condições de criar e fazer perdurar. Ela conhece de perto e vê em ação as empresas que subvenciona. Ela representa, assim, uma dessas nodalidades de ordem superior que servem como intermediárias entre a área que elas valorizam e os mercados externos. Esse papel exige um conjunto de condições geográficas, e mesmo históricas, que só se encontram reunidas em determinados pontos (VIDAL DE LA BLACHE, 1910a).

No entanto, a versão cristalizada entre nós afirma exatamente o oposto, apresentando-o como um geógrafo restrito à escala regional.

o conceito-obstáculo da “região” vidaliana exerceu, em cheio, seus efeitos de bloqueamento, e isso paralisou as pesquisas teóricas que teriam permitido perceber de maneira racional e eficaz as confusões da espacialidade diferencial. Não somente aquela não foi vista (...), mas ela foi negada pela inculcação de uma representação de mundo, feita de uma série de compartimentos bem estanques, quer dizer, dados pela natureza e a história, por Deus, uma vez por todas e nitidamente separados uns dos outros. As regiões, cada uma designada por um nome próprio para melhor acreditar em sua “individualidade” (LACOSTE, 1988:192-193 [1985]).

Nada mais falso. Sabe-se que uma das principais lições extraídas por Vidal de la Blache do geógrafo alemão Carl Ritter (1779-1859) foi, precisamente, o jogo de escalas (cf. CLAVAL, 1998), traço este que talvez seja uma das especificidades da ciência geográfica. Vidal de la Blache é muito explícito sobre isto, grifando-o como um elemento metodológico. Ele nunca encerrou sua abordagem em um único recorte. Para Vidal de la Blache, a escala regional nunca foi um “conceito-obstáculo”!

A fim de que a crítica justa e necessária tenha como fonte primeira o próprio Vidal de la Blache, leiamos o trecho a seguir. Ele abre o texto intitulado, não por acaso, *Le principe de la géographie générale*:

A idéia de que a Terra é um todo, no qual as partes estão coordenadas, proporciona à Geografia um princípio de método cuja fecundidade aparece melhor à medida que se amplia a sua aplicação. Se nada existe isoladamente no organismo terrestre, se em todo lugar repercutem as leis gerais, de modo que não se possa tocar uma parte sem provocar todo um encadeamento de causas e de efeitos, a tarefa do geógrafo toma um caráter diferente daquele que às vezes lhe é atribuído. Qualquer que seja a fração



da Terra que estude, ele não pode nela se fechar. Um elemento geral se introduz em todo estudo local. Não há de fato área em que a fisionomia não dependa de influências múltiplas e longínquas das quais importa determinar o local de origem. Cada área age imediatamente sobre sua vizinha e é influenciada por ela. Fora mesmo de toda relação de vizinhança, a ação cada vez melhor reconhecida de leis gerais se traduz por afinidades de formas ou de climas que, sem alterar a individualidade própria de cada área, marca-a com características análogas. Estas analogias ou “conformidades”, seguindo o termo muito conhecido de Bacon, desde que o homem começou a dominar o conjunto dos fenômenos terrestres, chamaram a sua atenção. Muitas podem ser apenas aparentes, mas outras são reais; elas são fundadas, não sobre puros encontros exteriores, mas sobre relações de origem e de causas. Entre estas a aproximação se impõe, pois cada uma proporciona à outra seu tributo de explicação. O geógrafo é levado assim a projetar sobre o objeto que estuda todo o esclarecimento fornecido pela comparação de casos análogos (VIDAL DE LA BLACHE, 2002:135 [1896]).

Acaso algum geógrafo de nossos dias abriria mão do potencial analítico de tal reflexão? Ela não parece ter sido escrita por alguém que fetichizava a escala regional, mas sim por um pensador que vislumbrava a progressiva unidade planetária ocorrida no transcorrer dos últimos quatro séculos.

MITO TRÊS: positivismo - fundamento da Geografia vidaliana

Outro lugar-comum frequentemente apregoado versa sobre o positivismo como matriz epistemológica de Vidal de la Blache e da Escola Francesa de Geografia. Uma análise acerca desta última demandaria um exame individualizado sobre personagens os mais diversos como Maximilien Sorre, Emmanuel De Martonne, Lucien Gallois, Albert Demangeon, Pierre Monbeig e Jean Brunhes, apenas para citar alguns dos principais nomes vinculados àquela “Escola”. Em seu trabalho seminal *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours*, Claval apontou a responsabilidade de Gallois, Brunhes e Demangeon no empobrecimento do legado vidaliano, restringindo sua geografia ao estudo das relações homem-meio e a um olhar superficial em torno das forças sócio-econômicas e culturais (CLAVAL, 1998:137). Quer dizer: os vidalianos não eram tão vidalianos assim.

É muito difícil estabelecer homogeneidades em “correntes de pensamento”. Uma leitura atenta de *As regras do método sociológico*, por exemplo, verá inúmeras semelhanças entre o positivismo de Augusto Comte (1798-1857) e o espírito de Émile Durkheim (1858-1917). Contudo, nem por isso Durkheim deixou de criticar este último (DURKHEIM, 2001:45-46 [1895]). Na História, o livro *Introduction aux Études Historiques*, de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (LANGLOIS & SEIGNOBOS, 1992 [1898]), tido como principal obra da denominada Escola Metódica, tem sido reinterpretado por fora das eloquentes críticas promovidas pelos annalistas Marc Bloch e Lucien Febvre (vide REVEL, 1979; GARCIA, 2007). Há vários traços “positivistas” naquele livro, mas, também, aspectos muito interessantes e que estão presentes exatamente nos *Annales* — que, cumpre lembrar, se apresentavam como vanguarda na construção do conhecimento histórico precisamente em oposição aos metódicos.

Nada é tão simples quanto pode parecer à primeira vista: eis uma fórmula básica porém de enorme utilidade. É mister estudar com mais propriedade as metanarrativas do século XIX (sobretudo o Positivismo e o Marxismo) e sua apropriação pelas Ciências do Homem no final deste período e no decorrer do século XX. Trata-se, no mínimo, de um cruzamento tenso e insuficientemente explorado pela história das idéias. Ele é tenso porque, ao mesmo tempo em que as Ciências do Homem apóiam-se nas metanarrativas, elas também desconfiam de suas características universalistas e metafísicas. Além disso, há que se considerar a própria natureza do pensamento de Augusto Comte, pois, em muitos aspectos, ela contrasta radicalmente com aquilo que seus seguidores adotariam como Positivismo — o que não pode ser ignorado quando se trata de perscrutar as fontes teóricas das Ciências Humanas (poderíamos dizer o mesmo sobre o Marx e o Marxismo, por exemplo).

Entretanto, por não pensarmos assim, erros crassos têm incidido sobre o pensamento geográfico. É o caso da associação direta entre o positivismo e a Geografia “Clássica”. Até onde nos



foi permitido conhecer, os “representantes” desta última não apreendem a sociedade como um organismo, embora lancem mão de metáforas organicistas. Não naturalizam a vida social à moda positivista, ainda que enfatizem o peso do meio ambiente nas relações sociais. Não incorporam uma concepção teleológica da história. Ao buscarem fazer da Geografia uma ciência, operam à luz da razão, embora isto não faça deles um racionalista.

De fato, estamos, sim, diante de homens de ciência, e a concepção hegemônica de então advinha das Ciências Exatas e Naturais. Assim sendo, no caso específico de Vidal de la Blache, ele dialogou com Francis Bacon, Isaac Newton, Louis Buffon, Jean-Baptiste Lamarck, Charles Darwin e outros, mas, de acordo com nosso levantamento (vide adiante), nunca mencionou Augusto Comte e o positivismo. Muito pelo contrário: um dos principais estudiosos do campo, o francês Vincent Berdoulay não aponta as influências neokantianas no pensamento de Vidal de la Blache, com este incorporando um espiritualismo eclético que se distancia do positivismo e do mecanicismo? (BERDOULAY, 1995: 201-227 [1981]). Além disso, a leitura direta de textos originais de Comte como Curso de Filosofia Positiva (1830-1842), Discurso sobre o espírito positivo (1844) e Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo (1848) (COMTE, 1978) é suficiente para perceber a distância entre seus argumentos e os de Vidal de la Blache.

No fundo, o quadro é complexo e aponta para a especificidade epistemológica do discurso das Ciências Humanas nas primeiras décadas do século XX. Em se tratando de Vidal de la Blache, gostaríamos de sugerir que ele desenvolve um gênero que poderíamos reconhecer como “ciência artesanal”, composta por traços que rechaçam frontalmente o paradigma da modernidade. Podemos identificar quatro deles: (i) escrita literária; (ii) sensibilidade estética ao captar os elementos formadores da paisagem; (iii) ausência de dicotomia entre o homem e a natureza; (iv) reconhecimento da importância dos saberes geográficos locais/tradicionais. Segundo observação do historiador francês Fernand Braudel, a Escola Francesa de Geografia, que o influenciou sobremaneira, “terá alcançado mesmo uma espécie de perfeição na arte de descrever a Terra, perfeição, até onde pude conhecer, jamais igualada no estrangeiro, porém nem sempre assinalada entre nós como conviria. Entretanto, é uma de nossas verdadeiras conquistas literárias! A ‘escola francesa’ soube fazer da descrição uma arte precisa, sóbria, encantadora, de beleza incontestável; uma arte de pintar segundo nossas melhores tradições. No mesmo movimento, ela fez do ofício do geógrafo um trabalho ao ar livre, de viajante, de observador do real, de quase-camponês. E este não é seu menor mérito” (BRAUDEL, 1997:71-72 [1941-1944]).

Se Vidal de la Blache e a Geografia Clássica fossem realmente positivistas, como explicar de maneira minimamente razoável a emergência da Geografia teórico-quantitativa? Afinal, o que Fred K. Schaefer, Richard Chorley, Peter Haggett, Speridião Faissol e seus pares propunham era a incorporação do método científico, da análise lógica, da operacionalização matemático-geométrica, do uso de modelos quantitativos computacionais ao conhecimento do espaço (SCHAEFER, 1953; CHORLEY & HAGGETT, 1974; FAISSOL, 1989). Uma perspectiva racional, analítica, nomotética e instrumental para a Geografia. Cabe aqui uma interrogação simples: se a Geografia Clássica já fosse de fato positivista, faria sentido a “Revolução Quantitativa”? Por que alguns geógrafos consagrariam seus esforços a algo já existente? A crítica de Schaefer, do jovem Harvey e de outros dizia respeito ao fato de que a vertente “Clássica” não havia conseguido dotar a Geografia de cientificidade, de método, das modernas ferramentas de pesquisa oriundas do paradigma cartesiano-newtoniano. A Geografia Clássica não apreendia o universal ou as generalizações, restringindo-se ao único, ao singular, ao “excepcional”, diziam os “teóricos”.

Por fim, talvez seja útil olhar para as referências de Vidal de la Blache. Tomando como fontes os livros Princípios de Geografia Humana e a coletânea Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política (com vinte e quatro artigos), levantamos os principais autores citados. Sem maiores dificuldades, constata-se a distância entre as matrizes vidalianas e o positivismo. Salta aos olhos o predomínio dos geógrafos alemães Carl Ritter, Friedrich Ratzel, Ferdinand von Richthofen



e Alexander von Humboldt, algo que contribui para reforçar a leitura de que a Alemanha atuou como modelo intelectual e organizacional para o desenvolvimento científico na França após a guerra de 1870-1871. É quase uma contradição, mas o primeiro passo em direção a uma ampla reforma educacional foi, justamente, conhecer o pensamento e a estrutura funcional dos rivais do outro lado do Reno (CARBONELL, 1976; BERDOULAY, 1995 [1981]).

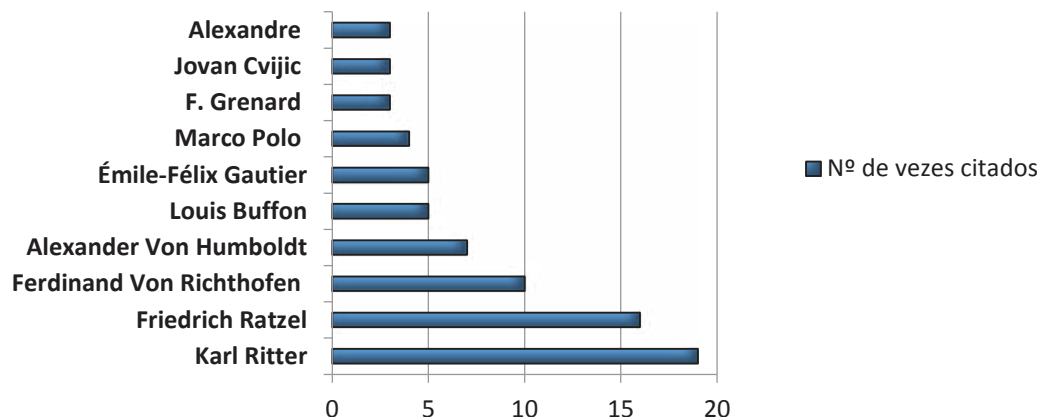


Figura 1 - Principais autores mencionados por Vidal de la Blache em *Princípios de Geografia Humana* (1921) e na coletânea Vidal, Vidais (2012)

Fonte: Elaboração de Lidiane Andrade da Silva, Leroy Honorio de Azevedo e Guilherme Ribeiro.

MITO QUATRO: um geógrafo avesso à política e à geopolítica

Vidal de la Blache não tem sido apresentado como um intelectual votado à temática da geografia política ou da geopolítica — salvo raras exceções (NICOLAS-OBADIA, 1987; SANGUIN, 1988; GUANZINI & NICOLAS-OBADIA, 1988). Aliás, tal distinção é mesmo necessária? Haveria em nossos dias real diferença que justifique falarmos em geografia política e geopolítica? A despeito de Vidal de la Blache pouco mencionar ambos os termos, o conteúdo a que eles se referem estão presentes em toda sua obra. Em plena “Era dos Impérios” (HOBSBAWM, 1988), com a França detentora do segundo maior domínio colonial do planeta e a Geografia tendo papel de relevo nesta empreitada, como o principal nome da Geografia francesa de então manter-se-ia alheio a tudo isso? Seria algo absolutamente impensável.

Justiça seja feita, a abordagem vidaliana não é a mesma que a promovida por Marcel Dubois (1856-1916), primeiro ocupante da recém-criada cátedra de Geografia Colonial na Sorbonne em 1893 (ver, não sem ressalvas, D’ALESSANDRO, 2003; SOUBEYRAN, 1997:39-214). O caráter instrumental da Geografia tal como concebida por Dubois (DUBOIS, 1893) contrasta com a preocupação epistemológica de Vidal de la Blache. Não obstante, isto não os impediu de fundarem os *Annales de Géographie* no ano de 1891 (ROBIC, 1993a).

No entanto, até que ponto podemos separar ciência e política? Tal disjunção, sabemos, é puramente didática. Nada é mais político que o uso da palavra e a construção de discursos, esfera de atuação das Ciências Humanas por excelência. Todavia, talvez ainda tenhamos nós, cientistas humanos, certo receio em admitir isto. No fundo, é provável que ainda hoje nosso conceito de ciência seja derivado, em boa medida, das Ciências Naturais e Exatas. Na Geografia, então, dividida como um cisma entre os ramos físico e humano, esta situação é muito comum.

Contudo, nada abona a sentida ausência do espectro político nas investigações sobre a história do pensamento geográfico francês, traço duramente criticado por Olivier Soubeyran em *Imaginaire, Science et Discipline* (SOUBEYRAN, 1997). Publicado em 1997, sua inquietação seria praticamente a mesma que nos acometeu quando, dez anos depois, deparamo-nos com uma gama de textos publicados nos *Annales de Géographie* relativos ao envolvimento de Vidal de la Blache com a questão colonial. Tal envolvimento, porém, não consta em algumas conhecidas obras que

se propuseram a investigar geografia política e geopolítica (COSTA, 2010 [1991]; RAFFESTIN, LOPRENO & PASTEUR, 1995; Ó TUATHAIL, DALBY, ROUTLEDGE, 1998), embora o nome de Ratzel tenha lugar garantido.

Quais são as razões que podem aclarar tal ocorrência? Além da aludida opção de negligenciar a política por parte dos estudiosos da história do pensamento geográfico, a proposição de Febvre de uma “Geografia Humana Modesta” (FEBVRE, 1991:68 [1922]). desvinculada das questões do Estado e voltada essencialmente para as relações homem-meio — com Vidal de la Blache encarando, ainda segundo Febvre, o representante máximo desta geografia modesta porém científica —, não pode ser menosprezada. Segundo seu registro: “Quando se pretende encarar a geografia do ponto de vista do homem, aquilo que ela estuda, aquilo que ela nos dá a conhecer é o meio em que se desenrola a vida humana. (...) O solo, não o Estado: eis o que deve preocupar o geógrafo” (FEBVRE, 1991:71 [1922]). Todavia, é curioso notar que, embora os geógrafos contemporâneos e posteriores a Febvre tenham continuado a produzir geografia política e geopolítica — o próprio Febvre mantinha nítido interesse pelo tema, tal como podemos ler em textos como *Frontière: le mot et la notion e Cartographie de la géopolitique* (FEBVRE, 1962 [1928], 1962 [1929]) —, sua interpretação sobre Vidal de la Blache foi reproduzida amiúde pelos quatro cantos do globo. Ela jamais recebeu resposta à altura, com Albert Demangeon limitando-se, na ocasião, a tecer comentários pontuais (DEMANGEON, 1923).

Outro motivo a ser considerado encontra-se nas famosas teses de Yves Lacoste em *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (LACOSTE, 1976). Embora tenha sido um dos primeiros a refutar a apreciação febvriana referente à “geografia modesta”, sua ânsia em estabelecer a primazia do político e alterar as relações de poder no campo institucional da Geografia fez com que ele criticasse duramente Vidal de la Blache. Mais uma vez, este último seria responsável por aquilo que não fizera. Em uma passagem acerca da existência de uma suposta diferença entre a Geografia das teses universitárias e a ensinada nos liceus, lemos o seguinte:

Uma e outra (com a diferença da geografia de farda que não dissimulava suas preocupações de política externa) caracterizam-se pela ocultação de todo problema político. Elas são um saber pelo saber; procedem, ambas, da obra de Vidal de la Blache, que é considerado unanimemente como o “pai” dessa “Escola geográfica francesa” que foi reputada no mundo inteiro, onde ela exerceu uma grande influência tanto por sua orientação em direção à “geografia regional” como pela despolitização do discurso que ela impunha. Seu papel ideológico foi considerável (LACOSTE, 1988:59-60 [1985]).

É bastante conhecido o impacto do livro de Lacoste. Os geógrafos brasileiros acostumaram-se a ler a Escola Francesa de Geografia através de suas lentes. Infelizmente. Porém, uma edição posterior de sua polêmica obra traz uma novidade: após ter tomado conhecimento de *La France de l’Est: Alsace-Lorraine* (VIDAL DE LA BLACHE, 1994 [1917]), Lacoste teria descoberto um “outro” Vidal de la Blache — sem, claro, elucidar as razões pelas quais não leu anteriormente *La France de l’Est* e outros artigos sobre questões geopolíticas. Desta vez, segundo Lacoste, tratar-se-ia de um geógrafo atento à sociedade, à economia e, principalmente, à geopolítica. Por essas razões, ele prefacia e reedita *La France de l’Est* em 1994 (LACOSTE, 1998 [1985]; 1994).

Entretanto, o mea culpa de Lacoste trouxe pouca ou nenhuma consequência prática: pelo menos para duas gerações, Vidal de la Blache encarnou tudo aquilo que a Geografia deveria deixar para trás. A mensagem de Lacoste gravada nas mentes de vários geógrafos mundo afora — incluindo a nós, brasileiros — indicava não haver nada de interessante naquela geografia “simplória e enfadonha” (LACOSTE, 1988:21 [1985]). Assim, ao seu modo, ele “atualizou” o discurso de uma geografia humana modesta proferido por Lucien Febvre — o que, porém, não o impediu de criticar este historiador.



É preciso perceber que o modelo vidaliano clássico, o do Tableau, essa concepção de geograficidade que elimina os problemas políticos, não foi Vidal de la Blache quem a formulou sob um plano teórico, mas um historiador da envergadura de Lucien Febvre, cujo livro *A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história* (1922) exerceu uma influência considerável sobre a corporação dos geógrafos. (...) Foi na realidade Lucien Febvre quem formulou as posições teóricas que se imputam depois a Vidal, em particular a do ‘possibilismo’. ‘Vidal não é um construtor de teorias’, escreveu Lucien Febvre, que as agenciou em seu lugar (LACOSTE, 1988:119 [1985]).

Se a razão de ser da geografia lacosteana girava em torno da geopolítica, do poder e da estratégia, Vidal de la Blache deveria ter recebido toda a atenção possível, pois seria alvo perfeito para a crítica de esquerda arrolada pelo fundador da revista *Hérodote*. Afinal, baseado muitas vezes em relatórios de missões militares, Vidal de la Blache escreveu uma série de textos (VIDAL DE LA BLACHE, 1889, 1893, 1897a, 1897, 2002 [1898], 1901, 1902, 1906, 1908, 1908a, 1910, 1911, 1911a, 1994 [1917], 1919,) discutindo:

- . a inserção territorial da França na Europa;
- . a penetração francesa no continente africano;
- . a missão civilizatória e moral da colonização europeia na África e na Ásia, com destaque para os papéis da língua francesa e do estabelecimento de instituições de ensino;
- . a má delimitação fronteiriça entre a Argélia e o Marrocos e seus desdobramentos econômicos negativos para a França;
- . a relação entre geografia política e geografia humana;
- . a contenda geopolítica entre Brasil e França em torno do território da Guiana Francesa, com Vidal de la Blache sendo o próprio redator do documento oficial francês depositado junto à arbitragem suíça;
- . a participação militar da França no Peru;
- . o domínio britânico no Canadá;
- . o pano de fundo e as consequências geopolíticas da confecção do mapa-múndi na escala milionésima;
- . a conquista do Saara;
- . o papel indispensável da Rússia para a construção do equilíbrio geopolítico europeu pós-1918;
- . a constituição da fronteira da região do Sarre e, de modo geral, da “França do Leste”.

A fim de ilustrar os tópicos acima, podemos tomar como referência o texto absolutamente negligenciado *La carte internationale du monde au millionième* (VIDAL DE LA BLACHE, 1908b). Ele versa sobre uma conferência em Londres no ano de 1907 envolvendo ingleses, franceses, alemães, russos, espanhóis, norte-americanos, austro-húngaros, italianos e outros em torno da elaboração da referida carta, cuja concepção e organização principais couberam ao geógrafo alemão Albrecht Penck (1858-1945). As nacionalidades integrantes deste projeto são mais que reveladoras da conjuntura geopolítica de então e suas hierarquias, e a escolha de Penck como líder da empreitada somente consagra a hegemonia intelectual da Geografia alemã. Vidal de la Blache discute brevemente alguns problemas técnicos inerentes a uma empresa desse porte (escala e legenda, por exemplo), mas o que sobressai mesmo são os conflitos latentes entre Grã-Bretanha, França e Alemanha, assim como a

emergência dos Estados Unidos no cenário internacional. O relatório final, escrito em inglês, francês e alemão, dá o tom do processo.

É interessante notar que a divisão do trabalho na confecção do mapa obedece à própria partilha geopolítica do globo. Ainda que o tema não tenha sido discutido na reunião, é o que Vidal de la Blache sugere: os Estados Unidos ficariam com o continente americano, a Inglaterra com a África e a França... Bem, ele insiste para que a França marque posição o quanto antes, já que o caráter oficial que a carta assumirá fará com que ela seja tomada como modelo nas negociações diplomáticas. Desta forma, como deixar o mapeamento das colônias francesas na África e na Ásia nas mãos das potências estrangeiras? Além disso, emerge nas entrelinhas uma disputa técnico-científica entre os órgãos encarregados da tarefa: Geological Survey, Preussische Landesaufnahme, War Office e Service Géographique de l'Armée — este último, claro, elogiado por Vidal de la Blache.

Por fim, adverte ele que o custo financeiro dessa empreitada é plenamente justificável; não participar seria arrepender-se futuramente. Os integrantes franceses presentes à reunião? Apenas quatro pessoas: o representante do Serviço Geográfico do Exército, do Ministério de Trabalhos Públicos, do Ministério das Colônias e do Ministério da Instrução Pública. O nome deste último? Paul Vidal de la Blache.

Adaptando a conclusão de um trabalho anterior (RIBEIRO, 2010), podemos sustentar que a preocupação patriótica, a expansão do Império e a atuação da Geografia estão suficientemente documentadas na obra de Vidal. Assim sendo, ele não está distante de Ratzel como forjara Lucien Febvre, nem tampouco indiferente às questões políticas conforme gostaria Lacoste. Embora a linguagem, a *démarche* e a visão sobre a guerra e a expansão territorial não fossem as mesmas para o francês e para o alemão, ambos estavam convencidos de que o território era um aspecto nuclear nas disputas entre os Estados Nacionais europeus e que a prosperidade econômica era algo que passaria, essencialmente, pela geopolítica. Por estas razões, Vidal de la Blache admitia que a geografia política podia ser estendida ao conjunto da geografia humana (VIDAL DE LA BLACHE, 2002:123 [1898]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira dos debates envolvendo pós-estruturalismo, pós-modernidade e globalização, a história do pensamento geográfico é um terreno que vem sofrendo visíveis modificações. No Brasil, com raras exceções, ela não recebeu a devida atenção no transcorrer do século XX. Por conseguinte, abriu-se espaço para textos e livros que, embora guardem o mérito de terem chamado atenção para questões relativas à trajetória e à epistemologia da disciplina, foram elaborados muito mais como ensaios que aprofundadas investigações históricas e documentais. Tem-se a impressão de que a história do pensamento geográfico no Brasil foi pensada não como um campo de pesquisas, mas tão somente como um meio para a transmissão de uma determinada concepção do que seria a Geografia. Melhor dizendo, do que a Geografia deveria ser.

A despeito das boas intenções presentes nos tão conhecidos manuais de história do pensamento geográfico, é preciso superá-los caso queiramos adentrar o século XXI munidos de uma visão crítica, construtiva e ampliada acerca de nossa trajetória. As novas gerações precisam conhecer os fundamentos da disciplina. Examinando-os, elas perceberão imediatamente a riqueza e a fertilidade neles contida. Constatarão também, sem maiores esforços, que os geógrafos do “passado” ainda são úteis para o entendimento dos dias atuais. Desta forma, quem sabe deixaremos de ser uma ciência às voltas com constantes crises de identidade?

A obra de Vidal de la Blache possui visíveis limitações (a frágil concepção de sociedade, por exemplo) e, sobretudo na esfera política, seu apoio ao colonialismo francês sempre deve ser frisado. Entretanto, sua contribuição à ciência geográfica guarda considerável distância das interpretações promovidas por Lucien Febvre, Yves Lacoste e outros. Reduzi-lo ao “possibilismo”, ao estudo das relações homem-meio e à escala regional associando-o ao positivismo significa não apenas distorcer seu pensamento, mas fechar a porta do passado e do devir a um autor cuja interpretação



geográfica da modernidade é, para dizer o mínimo, digna de atenção. Ao processar com acuidade a transição de um mundo rural e agrário para um mundo urbano e industrial e a emergência de uma nova organização espacial dela resultante, acreditamos que Paul Vidal de la Blache ainda possui algo a ensinar aos geógrafos do século XXI.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARRAULT, Jean-Baptiste. Une géographie inattendue: le système mondial vu par Paul Vidal de la Blache. **L'Espace géographique**, 1, t. 37, 2008.
- ARRAULT, Jean-Baptiste. Penser à l'échelle du Monde. **Histoire conceptuelle de la mondialisation en géographie** (fin du XIXe siècle/entre-deux-guerres). Université Paris I, Thèse de doctorat de géographie, 2007.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- BERDOULAY, Vincent. **La formation de l'école française de géographie (1870-1914)**. 2ème édition. Paris: Éditions du CTHS, 1995 [1981].
- BRAUDEL, Fernand. Géohistoire: la société, l'espace et le temps. In: AYALA, Roselyne de; BRAUDEL, Paule (orgs.). **Les ambitions de l'histoire**. Paris: Éditions de Fallois, 1997 [1941-44].
- CARBONELL, Charles-Olivier. Le défi allemand. In: CARBONELL, Charles-Olivier. **Histoire et historiens**: une mutation idéologique des historiens français (1865-1885). Toulouse: Privat, 1976.
- CARVALHO, Marcos de. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904). **Biblio 3W**. Revista de Geografia y Ciencias Sociales, nº 34, 1997.
- CARVALHO, Marcos de. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? **Biblio 3W**. Revista de Geografia y Ciencias Sociales, nº 25, 1997a.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- CHORLEY, Richard; HAGGETT, Peter (orgs.). **Modelos integrados em geografia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1974.
- CLAVAL, Paul. Les voyages américains de Vidal de la Blache et de Demangeon. Evolution de leur vision de la géographie et du monde. **Cahiers de Géographie du Québec**, vol. 55, n. 155, 2011.
- CLAVAL, Paul. **Géographies et géographes**. Paris: L'Harmattan, 2007.
- CLAVAL, Paul. **Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours**. Paris: Nathan, 1998.
- CLAVAL, Paul. Préface. In: VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Tableau de la géographie de la France**. Paris : Taillandier (1979).
- CLAVAL, Paul. La région historique. In : CLAVAL, Paul, NARDY, Jean-Pierre. **Pour le Cinquantenaire de la mort de Paul Vidal de la Blache**. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- COMTE, Augusto. **Seleção de textos**. São Paulo: Abril
- COSTA, Wanderlei Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. Discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Edusp, 2010 [1991].
- D'ALESSANDRO, Cristina. Un regard sur la géographie coloniale française. **Annales de Géographie**, n. 631, 2003.
- DEMANGEON, Albert. Introduction géographique à l'histoire. **Annales de Géographie**, n. 32, 1923.
- DUBOIS, Marcel. Leçon d'ouverture du cours de Géographie Coloniale. **Annales de Géographie**, n.10, 1893.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001 [1895].
- FAISSOL, Speridião. A Geografia quantitativa no Brasil: como foi e o que foi? **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n.4, out./dez., 1989.
- FEBVRE, Lucien. Chez les géographes: positions de problèmes ou répertoires de faits? **Annales d'histoire économique et sociale**, VIII année, tome huitième, 1936.
- FEBVRE, Lucien. Cartographie de la géopolitique In: FEBVRE, Lucien. **Pour une histoire à part entière**. Paris: SEVPEN, 1962 [1929].

- FEBVRE, Lucien. Frontière: le mot et la notion. In: FEBVRE, Lucien. **Pour une histoire à part entière**. Paris: SEVPEN, 1962 [1928].
- FEBVRE, Lucien. Le problème de la géographie humaine. A propos d'ouvrages récents. In: FEBVRE, Lucien. **Pour une histoire à part entière**. Paris: SEVPEN, 1962 [1923].
- FEBVRE, Lucien. **A terra e a evolução humana**. Introdução geográfica à história. 2ª ed. Lisboa: Cosmos, 1991 [1922].
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GARCIA, Patrick. Le moment méthodique. In: DELACROIX, Christian, DOSSE, François, GARCIA, Patrick. **Les courants historiques en France – XIX-XX Siècles** (Édition revue et augmentée). Paris: Armand Colin, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 [2004].
- HAESBAERT, Rogério. Paul Vidal de la Blache. **Geographia** (UFF), n.1, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. Paul Vidal de la Blache. **Geographia** (UFF), n.6, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. La Blache, Ratzel e a “Geografia Política”. **Geographia** (UFF), n.7, 2002a.
- HAESBAERT, Rogério. Vidal e a multiplicidade de abordagens regionais. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HOBSBAWM, Eric. A Era dos Impérios: 1870-1914. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LACOSTE, Yves. Préface. In: VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **La France de l'est (Lorraine-Alsace)**. Paris: La Découverte, 1994/).
- LACOSTE, Yves. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988 [1985].
- LACOSTE, Yves. **La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre**. Paris: Maspero (1976).
- LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introduction aux Études Historiques**. Paris: Kimé, 1992 [1898].
- LIRA, Larissa Alves de. A lição de abertura do curso de história e geografia da Faculdade de Nancy, de Paul Vidal de la Blache: reflexões de um historiador recém-tornado geógrafo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 20, nov., 2013.
- LIRA, Larissa Alves de. Vidal historiador: a noção de tempo geográfico a partir do mediterrâneo de Vidal de la Blache. III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e I Encontro Nacional de Geografia Histórica. **Anais...** Rio de Janeiro, UFRJ, 2012.
- LIRA, Larissa Alves de. Construindo um projeto de pesquisa: a concepção de Mediterrâneo no círculo de afinidades de Vidal de la Blache. In: BOMFIM, Paulo Roberto Albuquerque; NETO SOUSA, Manoel Fernandes de (orgs.). **Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume/Geopol (USP), 2010.
- LIRA, Larissa Alves de. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia. **Con-fins** (Paris), v. 2, 2008.
- MERCIER, Guy. P. Vidal de la Blache. In: KITCHIN, R., THRIFT, N. (dir.) **International Encyclopedia of Human Geography**. Oxford: Elsevier, Volume 12, 2009.
- MERCIER, Guy. Entre science et patrie. Lecture du régionalisme de Paul Vidal de la Blache. **Cahiers de Géographie du Québec**, vol. 45, n.126, déc., 2001.
- MERCIER, Guy. Paul Vidal de la Blache ou la légitimation patriotique de la région et de la géographie. **Revue française de géoéconomie**, n. 5, printemps, 1998.
- MERCIER, Guy. La région et l'État selon Friedrich Ratzel et Paul Vidal de la Blache. **Annales de Géographie**, 104 (583), 1995.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.



- NICOLAS-OBADIA, Georges. Paul Vidal de la Blache et la politique. **Bulletin de l'association géographique française**, 4, 1988.
- NICOLAS-OBADIA, Georges; GUANZINI, C. Géographie et Politique: Paul Vidal de la Blache. **Eratos-thene-Meridien**, 1, 1987.
- PARIS, Erato. **La genèse intellectuelle de l'oeuvre de Fernand Braudel**. Athènes: Institute de Recherches Néohelléniques/FNRS, 1999.
- PEREIRA, Sergio Nunes. Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (2012).
- QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- RAFFESTIN, Claude; LOPRENO, Dario; PASTEUR, Yvan. **Géopolitique et histoire**. Lausanne: Payot, 1995.
- RATZEL, Friedrich. **Le sol, la société et l'État**. L'année sociologique, 1898-1899, pp.1-14 (1900).
- RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo** (Antropogeografia). Milano/Torino/Roma: Fratelli Bocca Editori, 1914 [1882].
- REVEL, Jacques. Histoire et Sciences Sociales. Les paradigmes des Annales. **Annales ESC**, n. 6, nov.-déc., 1979.
- RIBEIRO, Guilherme. Fundamentos epistemológicos de uma ciência. In: HAESBAERT; Rogério, PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (orgs.). **Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- RIBEIRO, Guilherme. Babel insaciável: modernidade e urbanização nos Estados Unidos conforme Paul Vidal de la Blache. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (ANPUR), v. 14, 2012a.
- RIBEIRO, Guilherme. A geografia e o desafio da Modernidade: La France de l'Est (Lorraine-Alsace) cem anos depois. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, vol. XVI, nº 934, 30 de julio, 2011.
- RIBEIRO, Guilherme. Paul Vidal de la Blache e a formação do campo história do pensamento geográfico. **Geo UERJ**, v. 2, 2011a.
- RIBEIRO, Guilherme. Vidal de la Blache, Ciência e Política : notas a partir do caso africano. **Confins** (Paris), n.12, 2011b.
- RIBEIRO, Guilherme. La géographie vidalienne et la géopolitique. **Géographie et Cultures**, v. 75, 2010.
- RIBEIRO, Guilherme. Território, império e nação : geopolítica em Paul Vidal de la Blache. **Revista da Anpege**, vol. 6, 2010a.
- RIBEIRO, Guilherme. Interrogando a ciência: a concepção vidaliana de Geografia. **Confins**, n. 8, 2010b.
- RIBEIRO, Guilherme. Para ler Geografia ou A Geografia segundo Lucien Febvre. **Terra Livre**, vol. 32, 2009.
- RIBEIRO, Guilherme. Para além da ingenuidade: releituras vidalianas. **Geographia** (UFF), n.20, 2008.
- RIBEIRO, Guilherme. Uma epistemologia em construção: diálogos entre geografia e sociologia em paul Vidal de la Blache. **Geographia** (UFF), n.18, 2007.
- RIBEIRO, Guilherme. A geografia humana vidaliana e a ciência moderna em finais do século XIX e início do século XX. **Geographia** (UFF), n.16, 2006.
- ROBIC, Marie-Claire. Un système multi-scalaire, ses espaces de référence et ses mondes. L'Atlas Vidal-La-Blache. **Cybergeog** : European journal of geography, n.265, Journée à l'EHESS : Échelles et territoires, 2004.
- ROBIC, Marie-Claire. Introduction. In: ROBIC, Marie-Claire (dir.). **Le Tableau de la géographie de la France de Paul Vidal de la Blache**. Dans le labyrinthe des formes. Paris: Éditions du CTHS, 2000.
- ROBIC, Marie-Claire. Territorialiser la nation. Le "Tableau" entre géographie historique, géographie politique, géographie humaine. In: ROBIC, Marie-Claire (dir.). **Le Tableau de la géographie de la France de Paul Vidal de la Blache**. Dans le labyrinthe des formes. Paris: Éditions du CTHS, 2000a.
- ROBIC, Marie-Claire. L'invention de la "Géographie Humaine" au tournant des années 1900: les vidaliens et l'écologie. In: CLAVAL, Paul (dir.). **Autour de Vidal de la Blache**. La formation de l'école française de Géographie. Paris: Éditions du CNRS, 1993.

- ROBIC, Marie-Claire. La creación de los Annales de Géographie (1891). Estrategia universitaria y geografía humana. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, 22, 1993a.
- ROBIC, Marie-Claire. OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic. La France au seuil des temps nouveaux. Paul Vidal de la Blache et la régionalisation. **L'information géographique**. Paris, vol. 59, 1995.
- SANGUIN, André-Louis. Vidal de la Blache et la Géographie Politique. **Bulletin de l'Association des géographes français**, Paris, 4, 1988.
- SCHAEFER, Fred K. Exceptionalism in Geography: a methodological examination. **AAAG**, vol. 43, n.3, sep., 1953.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SOUBEYRAN, Olivier. **Imaginaire, science et discipline**. Paris: L'Harmattan, 1997.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954 [1922].
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La frontière de la Sarre, d'après les traités de 1814 et de 1815. **Annales de Géographie**, XXVIII année, n° 151, 1919.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **La France de l'est (Lorraine-Alsace)**. Paris: La Découverte, 1994 [1917].
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Les chemins de fer en Amérique**. France-Amérique, février, 1912.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La conquête du Sahara d'après E. F. Gautier. **Annales de Géographie**, année XX, n° 109, 1911.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Les confins algero-marrocaïns, d'après le livre de Augustin Bernard. **Annales de Géographie**, année XX, n° 114, 1911a.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Régions françaises. **Revue de Paris**, décembre, pp. 821-849, 1910a.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. L'Afrique Centrale Française, par A. Chevalier. **Annales de Géographie**, année XVII, n° 92, 1908.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La Colombie Britannique, par A. Métin. **Annales de Géographie**, année XVII, n° 94, 1908a.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La carte internationale du monde au millionième. **Annales de Géographie**, année XIX, n. 103, 1908b.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La mission militaire française au Pérou. **Annales de Géographie**, année XV, n° 79, 1906.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. A travers l'Amérique du Nord. **Revue de Paris**, avril, pp. 513-532, 1905.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La géographie humaine. Ses rapports avec la géographie de la vie. **Revue de synthèse historique**, vol. 7 août-décembre, 1903.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **La rivière Vincent Pinzon**. Étude sur la cartographie de la Guyane. Paris : Félix Alcan, Editeur, 1902.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Le contesté franco-brésilien. **Annales de Géographie**, année X, n° 49, 1901.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. A Geografia Política. A propósito dos escritos de Friedrich Ratzel. **Geographia**, n° 7, ano 4, 2002 [1898].
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La zone frontière de l'Algérie et du Maroc, d'après de nouveaux documents, **Annales de Géographie**, année VI, n° 28, 1897.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. L'éducation des indigènes. **Revue Scientifique (Revue Rose)**, n.12, 20 mars, 1897a.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. O Princípio da Geografia Geral. **Geographia**, n° 6, ano III, 2002 [1896].
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Mission Crampel et itinéraire Dybowski. **Annales de Géographie**, n.9, 1893.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **États et nations de l'Europe autour de la France**. Paris: Delagrave, 1889.

Trabalho enviado em julho de 2014
Trabalho aceito em agosto de 2014

